



D

*Série*

**DIVERSIDADES**



# Por uma política de ações afirmativas

Problematizações do Programa  
Conexões de Saberes/UFRGS

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy  
Maria Aparecida Bergamaschi  
Nair Iracema Silveira dos Santos  
Rafael Arenhaldt  
Susana Cardoso  
Organizadores



**UFRGS**  
EDITORA

# Por uma política de ações afirmativas

## Problematizações do programa conexões de saberes/ufrgs

Ana Lúcia Liberato Tettamanzy  
Maria Aparecida Bergamaschi  
Nair Iracema Silveira dos Santos  
Rafael Arenhaldt  
Susana Cardoso  
Organizadores

  
**UFRGS**  
EDITORA

**RESERVA TÉCNICA**  
Editora da UFRGS

© dos autores  
1ª edição: 2008

Direitos reservados desta edição  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Revisão final dos organizadores  
Capa: Ivan Vieira  
Editoração Eletrônica: Rafael Marczal de Lima

---

P832 Por uma política de ações afirmativas: problematizações do Programa Conexões de Saberes/UFRGS – organizado por Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, Maria Aparecida Bergamaschi, Nair Iracema Silveira dos Santos, Rafael Arenhaldt e Susana Cardoso. – Porto Alegre: UFRGS. Pró-Reitoria de Extensão/Editora da UFRGS, 2008.

152p. : il. ; 14X21cm.

Prefácio de Sara Viola Rodrigues, Pró-Reitoria de Extensão.

Apresentação de Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, Maria Aparecida Bergamaschi, Nair Iracema Silveira dos Santos, Rafael Arenhaldt e Susana Cardoso.

Introdução de Rafael Arenhaldt.

Inclui referências.

Inclui anexos.

Inclui tabelas.

I. Educação. 2. Sociologia. 3. Ensino superior. 4. Extensão universitária. 5. Políticas públicas. 6. Inclusão social – Política educacional – Brasil. 7. Programa Conexões e Saberes – Diálogos entre Universidade e as comunidades populares. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pró-Reitoria de Extensão. Departamento de Educação e Desenvolvimento Social. II. Tettamanzy, Ana Lúcia Liberato. III. Bergamaschi, Maria Aparecida. IV. Santos, Nair Iracema Silveira dos. V. Arenhaldt, Rafael. VI. Cardoso, Susana. VII Título.

CDU 378.I

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Ana Lucia Wagner – Bibliotecária responsável CRB10/1396)

ISBN 978-85-386-0005-3

Nº do registro: 2593

Nº de obra: 707

# A caminhada até o Ensino Superior: o vestibular na trajetória dos estudantes de origem popular

*Maria Aparecida Bergamaschi  
Rafael Arenhaldt*

Neste capítulo, são observados e analisados os números que expressam a quantidade de pessoas, em geral jovens, que almejam ingressar na universidade. Esses números revelam disparidades, dificuldades e deixam subentendido o drama que essa barreira reinterpreta na história de vida desses milhares: dos que conseguem a vaga e ingressam e dos que ficam de fora. Buscou-se a história de alguns jovens de origem popular que inauguraram o *Programa Conexões de Saberes* na UFRGS e que relataram suas caminhadas rumo à universidade (WEBBER, 2006). Das trajetórias desses vinte estudantes constatou-se que o vestibular é uma barreira difícil, muito mais difícil para os jovens de origem popular, que conjugam trabalho com a preparação para as provas, que estudam à noite, que freqüentaram pré-vestibulares populares e que repetem muitas vezes o vestibular, fazendo um grande esforço para manter acesa a chama da esperança. Dois anos, três anos, ...cinco anos! Os trechos que seguem conferem vida aos números, mostrando a dramaticidade que às vezes uma tabela ou um gráfico podem camuflar.

Janeiro de 2003. Tarde de um sábado quente, barulho de uma furadeira, eu meio sonolenta... acordando às três da tarde! Levanto, caminho pela casa e tento saber de onde vem aquele zunido todo. Chego até a área e está lá meu pai furando a parede e pendurando uma faixa, onde se lê: Valeu Bianca, Ciências Sociais – UFRGS 2003. É, depois de três tentativas, ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mesmo sendo um curso com uma média para ingresso relativamente baixa, foi na segunda tentativa que passei. Antes disso, tinha feito vestibular para jornalismo. Quando entrei na Universidade, tinha 20 anos. Já trabalhava há quatro. Já tinha

sufrido a experiência do desemprego, da falta de perspectivas... Sou da primeira geração de universitários da minha família, ou seja, antes de mim e meus primos, ninguém de nossa família teve formação superior. (Bianca de Oliveira Ruskowski)

Nesse ano, 2003, fui às aulas [Curso Pré-Vestibular Popular Resgate], dei mais atenção à professora de português e redação, me comportei muito bem nas aulas, contudo, nesse ano eu caí mais na gandaia. Saía com os colegas e professores toda a sexta feira para tomar uma ceva. Essas saídas com professores foram essenciais para conhecer o trabalho deles e entender o que eu queria para mim. Para acabar logo com essa história, a maioria dos que saíam para beber passou. Eu passei em primeiro lugar no meu curso: biologia da UFRGS. A escolha do curso ficou clara quando lembrei do meu professor da 5ª série e depois quando tive contato com os professores do Resgate (Bruno Cerpa)

Fiz o vestibular 2003 no colégio Nossa Senhora da Glória, era perto de casa e meu irmão me levou todos os cinco dias. Foi ali que encontrei essa pessoa que julgava especial, o nome dele é Luís. Ele passou em medicina e tem uma história parecida com a minha de muitas dificuldades, mas também de muitas lutas e vitórias. Eu rodei, me senti muito mal, pensei em desistir de tudo e trabalhar. Fiz o vestibular 2004. Não passei; chorei muito, pois aquele foi o ano em que mais me dediquei. Eu estava tão estressada que não conseguiria mais estudar como havia estudado. Entrei em depressão por não passar, pelo Luís, mas graças a Deus tive minha mãe e meus amigos para me apoiar. Minha mãe e eu conversamos muito e eu decidi que desistiria de fazer medicina, pois era muito difícil e tinha que me formar logo para poder ajudar minha mãe e me sustentar. ... Mone e eu voltamos ao cursinho, chatas como sempre, mais revoltadas com os professores que não davam aula. Estudamos bastante e no vestibular de 2005 passamos na federal: ela em Nutrição e eu em Enfermagem. (Junara Nascimento Ferreira)

A reprovação no vestibular era previsível, pois sabia que não estava estudando tanto quanto precisava, mas de forma alguma era esperada. No entanto, após a reprovação e um período de desilusão com o mundo, me senti melhor e comecei a programar quanto deveria estudar para passar, me matriculei no mesmo cursinho e fui demitido do emprego em maio de 2003. Recebi a indenização e apliquei quase todo o dinheiro em um módulo por matérias, passando a estudar mais as matérias mais difíceis para mim. Isso seria o tudo ou nada. Dessa forma, bem estruturado, recebendo seguro desemprego e com o cursinho e professores à disposição, consegui manter uma média de mais de oito horas por dia de estudo até novembro, mês em que voltei a trabalhar, pois me sentia preparado para enfrentar o vestibular. Quando chegou o vestibular me sentia bem diferente do ano anterior, mais confiante, mas já pensando que se não fosse dessa vez não sei quando seria. Fui bem em todas as matérias que tinha estudado e fiquei na média em duas matérias em que me achava entendido. Até nessas horas temos lições de vida, nunca podemos nos achar conhecedores de algo por completo. Como dizia Platão, 'Só sei que nada sei', o que traduz um pensamento não só humilde,

mas de uma reflexão enorme. Enfim, fui aprovado no vestibular de 2004 em 16º lugar para o curso de Geografia, rompendo as minhas barreiras, os meus pré-conceitos em relação a esse bicho de sete cabeças que era a UFRGS para mim (e que continua sendo para muitos). Não acredito ser melhor do que alguém ou que tenha merecido a vaga que ocupo, só acho que tive bastante apoio e astúcia para utilizar tudo que estava à minha volta... (Tiago Manassi)

Durante cinco anos seguidos somente me dediquei a trabalhar na rua, mas sempre acalentava a vontade de voltar a estudar. Minha mãe insistia em que prestasse o vestibular, mas minha insegurança e baixa auto-estima, somadas ao meu confuso segundo grau, não me permitiam pensar em semelhante façanha. Por diversas vezes procurei uma forma de voltar a estudar para poder concorrer a uma vaga na universidade. Recorri à prefeitura e a políticos que me fizeram perder tempo à espera do cumprimento de suas promessas de bolsas de estudo. Até que um dia um jornal popular que anunciava vagas em um cursinho preparatório direcionado para pessoas carentes veio parar em minhas mãos. No primeiro ano, por irônico que pareça, eu não fui selecionada para o curso, mas no ano seguinte eu e Bruno frequentamos juntos o curso e conseguimos uma vaga na universidade pública. Não só eu e Bruno, como também o Milton [seus irmãos] (Yara Paulina Cerpa Aranda)

Comecei e terminei meu segundo grau numa ótima escola pública, a escola Florinda Tubino Sampaio, uma excelente instituição de ensino. [...] meus pais nunca me deixaram trabalhar e sempre me incentivaram com a idéia de entrar numa universidade, mais especificamente na UFRGS. Realizei um ano de cursinho, trabalhei dando aulas de música nesse mesmo ano e me dediquei inteiramente ao vestibular da UFRGS. Com a maior felicidade, em 2004, recebi a notícia da minha aprovação. Comemorei com uma bebedeira espetacular, que não poderia deixar de colocar no meu memorial (Geraldo Magela Campani de Castro Figueiredo)

1º vestibular: nessa primeira experiência prestei vestibular para Nutrição, pois achava que esse curso estava totalmente relacionado com os meus objetivos. (...) 2º vestibular: prestei para Farmácia, pela minha facilidade com química, pois sempre gostei desta matéria. Hoje vejo que foi uma sorte não ter passado, pois realmente não iria me satisfazer. (...) Quanto ao vestibular, as minhas maiores dificuldades foram de permanência no curso, pois era caro e tinha épocas do mês que não tinha mais dinheiro para passagem. Curso técnico e 3º vestibular, iniciei o ano fazendo curso técnico de enfermagem com a intenção de seguir a carreira da minha mãe, já que estava difícil de conseguir emprego. Mas logo comecei a me deparar um grande número de pessoas fazendo o mesmo curso e sem nenhuma expectativa de emprego no futuro. Quis continuar o curso, mas achei melhor fazer mais uma vez cursinho, pois talvez dessa vez pudesse passar. Como não tinha dinheiro para fazer os dois cursos, abandonei o curso técnico. (...) Foi um ano em que eu não estudei muito, estava completamente desanimada e sem expectativa para ser aprovada no vestibular.

lar. Mas ocorreu um milagre e finalmente consegui ingressar na faculdade. (Marina Gabriela Prado Silvestre)

Em 1996 me formo no 2º Grau ou Ensino Médio, como queiram, e começo outra jornada... afinal, o que vou ser? Enquanto não me achava nos estudos, passei a trabalhar como autônomo como meu pai, e aprendi alguns truques de vendedor. Cada início de ano era uma tentativa de entrar para uma faculdade ou para a Escola Técnica. Em 1998 (deste ano em diante, todo ano passei a me preocupar em ampliar meu currículo e fazer um curso de aperfeiçoamento por ano de acordo com as condições financeiras) comecei a fazer alguns cursos, começando pelo de informática no SENAC, o que aumentou meu interesse pela área. Até que em 2000 consigo verba para pagar um cursinho intensivo de pré-vestibular (nem sabia da existência dos cursos populares, se é que naquela época existiam...) e no vestibular de 2001 consigo ser classificado e aprovado para ingressar na Faculdade de Educação (Alexsander Lourense Webber)

1º ano de cursinho: 2001 - Como sempre fui uma boa aluna, achava que o vestibular não era tão difícil. Fiz um cursinho durante o ano todo, graças à meia-bolsa que consegui com um deputado. Tentei vestibular para Medicina, e não cheguei nem perto da classificação. Isso me fez constatar que o meu 2º grau foi muito fraco e que tinha que estudar muito mais do que eu imaginava. 2º ano de cursinho: 2002 - Nesse ano mudei de cursinho, pois minha mãe conseguiu, com uma colega dela, uma bolsa para mim. Por achar que não ia conseguir passar novamente no vestibular e por achar que queria a área ambiental, resolvi mudar de opção: tentei Biologia e curso técnico em Biotecnologia na UFRGS e Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia na UERGS. Passei na UERGS e no curso técnico. 3º ano de cursinho e faculdade na UERGS: 2003 - Felizmente consegui entrar na faculdade. Fiquei muito feliz pela minha vitória e fui à luta. Minhas aulas eram no turno da tarde, e como o meu curso era na cidade de Novo Hamburgo, ia de Van. (...) Resolvi tentar Enfermagem na UFRGS, algo que nunca tinha passado antes pela minha cabeça. Fiz vestibular na UFRGS para Enfermagem e tinha praticamente certeza de que não tinha passado, pois tinha ido muito mal em Biologia, que era peso 3 para o curso. Porém, no dia em que saiu o listão, para minha surpresa, meu nome estava lá: era BIXO 2004 em Enfermagem. Fiquei muito feliz e minha mãe muito orgulhosa por mim. (Luciana Longui Ferreira)

Aos dezoito anos, em 1998, concluí o Ensino Médio e prestei o vestibular de 1999 para Educação Física sem obter sucesso. Em 2000 tentei para Ciências Contábeis e também não consegui. No mesmo ano, entrei na FAPA para o curso de Licenciatura em História. Este caminho tão diversificado é um exemplo da falta de orientação de boa parte dos jovens que concluem o Ensino Médio e não sabem o que fazer de suas vidas. Hoje, pensando como futuro Educador, acho uma lástima que nossas escolas não se empenhem em dar conta de construir condições mínimas para

que os seus estudantes possam seguir seus caminhos de forma consciente e autônoma. Tenho passado por experiências de trabalho que ainda alimentam em mim muitas expectativas, sobretudo nas escolas do MST, onde atuo como educador em duas turmas de Jovens e Adultos. Penso que temos muito a realizar na educação brasileira, e a única alternativa que vejo hoje são os Movimentos Sociais, pois estão construindo experiências pedagógicas fabulosas que deveriam ser vistas com um olhar mais atento por escolas e professores. Minha formação na FAPA foi boa, apesar – ou em decorrência – das condições desfavoráveis de que já todos foram avisados à alguma altura destes escritos. Devido à inadimplência, tive minha matrícula cancelada e prestei vestibular para a UFRGS em 2005 para o curso de Ciências Sociais, tendo sido finalmente aprovado. Hoje, estou tentando a transferência para o curso de História, tendo em vista que o tenho quase todo concluído e pretendo mesmo ser professor. (Vagner Medeiros Corrêa)

No começo de 2002, fiquei sabendo que era possível pagar com trabalho um renomado cursinho de Porto Alegre. Dependendo do trabalho, poderia ter até uma bolsa integral, fiz a entrevista sabendo que só poderia fazer o cursinho com gratuidade total e consegui uma das vagas. (...) O grande dia chegou, o tempo passou rápido, eu estava ansiosa, mas sem medo nem expectativa. Eu fiquei tranqüila, já era o meu quarto vestibular para Enfermagem, estava tomando até um floral e só fiquei nervosa no dia da redação. (...) Depois fiquei sabendo que tinha me classificado em 48º lugar, ou seja, eu seria a primeira a ser chamada caso houvesse desistência de qualquer um dos candidatos que foram chamados para o primeiro semestre. (Gláucia Nascimento da Silva)

Vem chegando o vestibular e pela terceira vez ele vai tentar ingressar na UFRGS... Desde os 17 anos ele queria cursar História... Sempre adorou História antiga, ler coisas sobre os egípcios, os gregos e os romanos, mas talvez isso não fosse o suficiente para ele estar certo do que queria fazer. Nesse mesmo tempo havia conhecido algumas pessoas que foram muito influentes em sua vida, já havia também lido alguns textos do maldito Friedrich Nietzsche, no entanto, não tinha a mínima idéia do que era estudar Filosofia. (...) não levava fé que iria passar no vestibular, pois fazia quase cinco anos que ele havia concluído o seu Ensino Médio e, como não tinha grana para pagar um cursinho, achava que as suas chances eram mínimas. Estudou em casa durante três meses e deu sorte, passou na UFRGS! Os primeiros dias de aula foram loucos, era um mundo muito novo... Tomou muito pau no primeiro semestre, pois a cobrança do curso era grande: muitos livros para ler em pouco tempo, mas aos poucos ele foi “amaciano o cérebro” e se acostumando com aquele rigor. (Marcos Vinicius da Silva Goulart)

O sonho de entrar na UFRGS era tão grande para mim que, quando eu via as pessoas com a pastinha da universidade na rua, eu ficava pensando como deveria ser bom estudar lá e como aquilo parecia ser inatingível para mim. Por isso, resolvi

tentar mais uma vez; me dedicava ao cursinho durante o dia... Quando ela disse que eu havia passado, eu não acreditei, me deu uma sensação de alegria e estranhamento ao mesmo tempo. Fiquei chocada! Saí abraçando todo mundo, foi aquela gritaria, eu não cabia em mim de tanta felicidade. Todos me ligavam, e eu também ligava pra todos os meus parentes, a cobrar, mas com a desculpa de que era por uma ótima causa. Meu pai estava mais deslumbrado do que eu, repetindo várias vezes que eu tinha passado! Quando cheguei em casa, tinha uma faixa linda, e os vizinhos foram me atirar lentilha para dar sorte. Finalmente eu estava dentro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e estava, sim, muito orgulhosa de mim mesma. Minha mãe ligou para tanta gente que a conta do telefone veio o dobro naquele mês. (Gabriela Silione)

Eu sempre quis continuar os estudos. Parar de estudar incutia em mim uma sensação de estagnação. Também pensava que, tendo um curso superior, poderia conseguir um trabalho melhor e assim ajudar mais a minha família. A única alternativa era a UFRGS. Uma universidade paga estava totalmente fora de cogitação, ainda que eu continuasse trabalhando para pagar os estudos. Em casa o dinheiro era contado para manter as condições básicas de vida da família. Se podíamos ter algum supérfluo, era porque comprávamos em mutirão e em várias prestações. Até hoje é assim. Porém, uma faculdade seria pesada demais, financeiramente inviável. Alguém me disse que a grande maioria que conseguia passar na UFRGS era os “filhinhos de papai”, mas eu estava na minoria que encarava o desafio. Tive que fazer quatro anos de curso pré-vestibular para suprir a lacuna de conhecimento deixada pelo ensino público. Sempre fazia o intensivo, que era o mais barato. Assim pagava o cursinho sem prejudicar a ajuda em casa. Também não estava decidida quanto ao que cursar, então tentei vestibular para vários cursos diferentes até decidir pela Biologia. Com a certeza do que queria, consegui passar. Contava vinte e um anos. Quando soube que passei, estava no trabalho. Os colegas festejaram comigo e em casa foi aquela euforia. Todos ficaram muito contentes, eu era a primeira pessoa da família a entrar na universidade. (Tatiana do Prado Rodrigues)

Daqui não tem mais volta, pra frente é sem saber, pequenos paraísos e riscos a correr”. Vamos para a UFRGS, ou nem pensar em faculdade! Aqueles foram anos tumultuados. Sentia o mundo sobre os meus ombros, era muita coisa, casa, família, trabalho, namorado, vestibular, religião, parecia impossível passar na UFRGS, pois pouco era o tempo que sobrava para estudar. O fato é que consegui sobreviver à crueldade do vestibular, levei algum tempo para conseguir acreditar, já que seria a primeira de muitas gerações a conseguir concluir a Educação Básica, quem diria cursar o ensino Superior na famosa Universidade Pública, gratuita e de qualidade do Rio Grande do Sul. Quanta ingenuidade! Pensava que meus desafios estariam resolvidos, o pior tinha passado... ou.... estava por vir... (Vanessa Karine Ribeiro Seibel)

Meu ingresso na universidade foi um pouco difícil, mas valeu muito a pena. Na época em que decidi voltar a estudar, então com 24 anos, estava desempregada e por esse motivo não podia pagar um cursinho. Então, comecei a estudar em casa com os livros de cursinho da minha irmã. Logo depois, pedi a isenção da inscrição para o vestibular e consegui que o pedido fosse aceito. Durante toda essa minha luta, uma pessoa muito especial esteve comigo me apoiando e lutando junto, foi meu namorado, o Lucas. Foi ele que soube que a própria UFRGS oferecia um cursinho pré-vestibular a alunos carentes. Nos inscrevemos no final do mês de agosto, sendo que o vestibular já era em janeiro, e começamos a aula no cursinho no mesmo dia. Foi dedicação integral aos estudos, pois já estávamos na reta final e não poderíamos perder essa chance. E não perdemos. Tudo deu certo, passamos: eu para Pedagogia, a profissão já estava no sangue, e Lucas para Geografia, alegria em dobro. Foi um dos dias mais felizes da minha vida, sensação de tarefa cumprida e ao mesmo tempo de alívio. Sentia, porém, medo. Medo de um mundo totalmente novo e “quase” impenetrável para quem vem da classe popular mas é só quase. (Tamara Carneiro Superti)

Fazer o vestibular foi horrível, eu olhava para todos e ficava imaginando onde tinham estudado. Achava que eles eram melhores do que eu, que eles conseguiriam e eu rodaria, como quase sempre. Mas não, consegui passar no primeiro vestibular para Ciências Sociais. Não foi fácil. Aliás, o vestibular é feito para excluir e não para incluir. Quando eu vi meu nome no listão, fiquei muda, o telefone tocava e eu fiquei ali olhando para aquele nome, pensando naquilo. Nem lembro quem ligou. Entrar na universidade também não foi fácil, eu gostava muito de ler, mas era acostumada a ler livros que eu chamaria de fáceis de ler, foi grande o impacto com o número de leituras, com as palavras difíceis, chegava em casa e ia direto para o dicionário. (Ana Paula Arosi)

Em 2004, abandonei um emprego e passei a dedicar-me em tempo integral aos estudos para prestar o vestibular de 2005 aqui na Universidade. (...)No entanto, houve a ala dos que me deram força do início ao fim de 2004, pois sempre acreditaram que eu passaria e que isso somente não acontecera antes porque eu tinha que conciliar os estudos com o trabalho. E essas mesmas pessoas estavam certíssimas: esforcei-me, passei várias noites em claro, rezei para todos os santos, acendi todas as velas, chorei de desespero, mas passei em 45º lugar. A semana na qual eu aguardei pelo resultado foi a pior de minha vida, porque comecei a lembrar de todo o esforço para estudar, de todos os sacrifícios para pagar as aulas. Até hoje eu lembro que liguei várias vezes ao dia -durante aquela fatídica semana na qual o resultado estava por sair- para os amigos que tinham acesso à Internet, perguntando pelo listão. Exatamente às 17 horas do dia 20 de janeiro de 2005, uma das minhas melhores amigas ligou para mim avisando que meu nome estava no listão. Finalmente! Tive que pedir que ela me confirmasse o número de inscrição, porque eu não estava

acreditando que havia passado. Minha mãe comprou uma faixa enorme, na qual estava escrito “Márcia, bixo UFRGS Direito 2005”, que ela pagou em várias parcelas, e meus amigos a colocaram em frente da nossa humilde casa. A tal faixa ficou lá estendida durante vários meses, e somente foi retirada no meio do inverno porque a tinta estava começando a desgastar-se devido às chuvas constantes. (Márcia Regina Zok da Silva)

Neste período, outra pessoa teve grande destaque, meu avô materno, Ruben. Ele já acompanhava o meu desempenho escolar há muito tempo e quando soube do meu interesse em ingressar na universidade, me deu total apoio. Ele me matriculou num dos melhores cursinhos pré-vestibulares da cidade. Agora só dependia de mim, além do último ano do Ensino Médio, também estudava no cursinho. Meu objetivo era estudar Engenharia Elétrica na UFRGS, era uma escolha ousada e, como havia estudado em escolas públicas, depus toda minha esperança no pré-vestibular. Chegou o vestibular, havia estudado de maneira contínua e acreditava que obteria bons resultados, a minha confiança era surpreendente. No primeiro dia de prova fiquei um pouco nervoso. Ainda lembro o tema da redação: esperança. Nada melhor que escrever sobre o tema mais constante na minha vida. Os dias que sucederam o vestibular pareciam intermináveis, como os gabaritos das provas já haviam sido anunciados, eu sabia a quantidade de acertos que tive em cada prova, esses resultados foram todos acima da média geral. O que aliviou minha ansiedade neste período foi a formatura do Ensino Médio: rever grandes amigos e saber que todos estavam torcendo pela minha aprovação foi gratificante.(...) Numa tarde vi na televisão a notícia que a UFRGS havia liberado o listão com antecedência. Já estava pronto para ir até a universidade, quando o telefone tocou. Era um amigo da escola, eufórico, dando a notícia pela qual eu esperava: havia passado no vestibular. A alegria era incomensurável. (Palmo Celestino Ribeiro Franco)

Como se pôde observar a partir dos depoimentos do livro *Caminhas de Universitários de Origem Popular*, de autoria dos bolsistas do *Programa Conexões de Saberes/UFRGS*, esses estudantes tiveram muitas dificuldades para ingressar na Universidade. As diferenças e a desigualdade presentes na vida desses bolsistas desde a sua infância os acompanham na sua entrada e durante a permanência num curso superior. A grande maioria estudou em escolas públicas e isso, de certa forma, já retrata a desigualdade, devido a essas escolas serem, geralmente, de baixa qualidade. A bagagem escolar é a mais valorizada no vestibular, desmerecendo o saber popular. Somam-se a isso o fato de muitos trabalharem e estudarem, o que dificulta o desenvolvimento escolar desses alunos em comparação a alunos que tiveram um melhor ensino e que nunca necessitaram trabalhar para se manter e ajudar no orçamento doméstico.

Observa-se também que para muitos a possibilidade de ingresso no Ensino Superior Público é considerada como improvável e inatingível, parecendo impossível passar no vestibular. Os depoimentos demonstram ainda que muitos tentam várias vezes até conseguir aprovação no vestibular, por vezes quase desistindo, mas evidenciando a necessidade de se dedicar e investir no sonho de entrar e estar na Universidade e romper as “barreiras e preconceitos em relação ao bicho de sete cabeças que era a UFRGS”. Além da presença marcante dos Pré-Vestibulares Populares, de amigos e familiares como alavancas fundamentais de apoio ao ingresso no Ensino Superior, muitos são da primeira geração da família a entrar na Universidade. Se, por um lado, a escolha do curso e da área profissional, bem como o desejo de continuação dos estudos, passava pela referência de algum professor do Ensino Médio ou do Pré-Vestibular, por outro a clareza de ter freqüentado um Ensino Médio fraco ou mesmo a falta de orientação profissional geram a sensação de indefinição, insegurança, medo, dúvida e confusão destes jovens estudantes, simbolizadas pela falta de perspectiva e baixa estima: “Medo de um mundo totalmente novo e ‘quase’ impenetrável para quem vem da classe popular”. Se para alguns entrar na UFRGS era algo que nunca havia passado pela cabeça, para outros a UFRGS era sua única alternativa para fazer um curso superior já que não tinha dinheiro para uma faculdade privada. Assim, mesmo que a maioria manifeste alegria de ver/saber que seu nome estava no listão de aprovados do vestibular, revelam que o referido mecanismo de seleção é para excluir e não para incluir.

Então, tanto a partir dos dados das pesquisas dos itens anteriores como dos depoimentos e das reflexões destacados, percebe-se a importância que tem a Universidade para inverter esta lógica e efetivamente “repensar suas formas de vida e suas organizações sociais, econômicas e políticas”, conforme seu próprio estatuto. A UFRGS ainda tem muito o que fazer em relação às demandas sociais e, nessa perspectiva, procurar, a partir de iniciativas inovadoras, promover uma transformação significativa em sua organização. O Programa Conexões de Saberes pode significar uma nova forma de compreender e transformar as práticas da Universidade sustentada pelo respeito às diversidades e pela efetiva participação dos grupos populares no seu interior. Assim sendo, as Políticas de Ações Afirmativas se configuram enquanto ferramenta de transformação da vida e do espaço da Universidade, constituindo-se como lugar de diálogo e produção de conhecimentos ricos e diversificados.